



Acometimento de adolescentes com Covid-19 e suas famílias

Involvement of adolescents with Covid-19 and their families

Participación de adolescentes con Covid-19 y sus familias

Luana Maria Almeida de Santana¹, Ana Emília Alcântara de Avelar¹, Flávia Alves Delgado¹, Kelly Cristina do Nascimento¹, Juliana Silva Siqueira Santos¹, Renata Cristina Beltrão de Lima¹, Betânia da Mata Ribeiro Gomes¹.

RESUMO

Objetivo: Analisar na literatura existente o impacto da COVID-19 nos adolescentes e seus familiares. **Métodos:** Revisão integrativa, com buscas realizadas nas bases de dados PubMed, Medline e LILACS, realizando o cruzamento dos descritores "COVID-19", "Adolescente", "Família" com o operador booleano "AND". Foi utilizada a estratégia PRISMA para incluir os artigos publicados entre 2020 e 2022, com texto completo disponível, em inglês, português e espanhol e que contemplassem a temática, chegando a uma amostra final de 18 artigos. **Resultados:** Foram identificados estudos de diversos continentes, abordando diversas fases da pandemia, possibilitando uma ampla comparação entre as diferentes realidades mundiais dos adolescentes e suas famílias no decorrer da pandemia da COVID-19. Dentre os principais achados, está o interesse inicial com os grupos de risco e maior índice de mortalidade. No entanto, posteriormente houve um aumento nos casos da COVID-19 e gravidade entre os jovens. **Considerações finais:** A pandemia da COVID-19 tem enorme impacto na vida dos adolescentes e suas famílias, afetando não só a saúde física, como também a saúde mental, as condições socioeconômicas e afetivas. Apesar dos achados abrangentes, eles convergem na necessidade de pesquisar mais, ampliar os cenários e enfoques.

Palavras-chave: COVID-19, Adolescente, Família.

ABSTRACT

Objective: To analyze in the existing literature the impact of COVID-19 on adolescents and their families. **Methods:** Integrative review, with searches performed in PubMed, Medline and LILACS databases, performing the crossing of the descriptors "COVID-19", "Adolescent", "Family" with the Boolean operator "AND". The PRISMA strategy was used to include articles published between 2020 and 2022, with full text available, in English, Portuguese and Spanish and that contemplated the theme, reaching a final sample of 18 articles. **Results:** Studies from different continents have been identified, addressing various phases of the pandemic, enabling a broad comparison between the different world realities of adolescents and their families during the COVID-19 pandemic. Among the main findings is the initial interest with risk groups and higher mortality rate. However, there was later an increase in cases of COVID-19 and severity among young people. **Final considerations:** The COVID-19 pandemic has a huge impact on the lives of adolescents and their families, affecting not only physical health, but also mental health, socioeconomic and affective conditions. Despite the comprehensive findings, they converge on the need to research more, expand scenarios and approaches.

Keywords: COVID-19, Adolescent, Family.

RESUMEN

Objetivo: Analizar en la literatura existente el impacto del COVID-19 en los adolescentes y sus familias. **Métodos:** Revisión integradora, con búsquedas realizadas en las bases de datos PubMed, Medline y LILACS,

¹ Universidade de Pernambuco (UPE), Recife - PE.

realizando el cruce de los descriptores "COVID-19", "Adolescente", "Familia" con el operador booleano "AND". La estrategia PRISMA se utilizó para incluir artículos publicados entre 2020 y 2022, con texto completo disponible, en inglés, portugués y español y que contemplaba el tema, alcanzando una muestra final de 18 artículos. **Resultados:** Se han identificado estudios de diferentes continentes, que abordan varias fases de la pandemia, permitiendo una amplia comparación entre las diferentes realidades mundiales de los adolescentes y sus familias durante la pandemia de COVID-19. Entre los principales hallazgos se encuentra el interés inicial con los grupos de riesgo y la mayor tasa de mortalidad. Sin embargo, más tarde hubo un aumento en los casos de COVID-19 y la gravedad entre los jóvenes. **Consideraciones finales:** La pandemia de COVID-19 tiene un gran impacto en la vida de los adolescentes y sus familias, afectando no solo la salud física, sino también la salud mental, las condiciones socioeconómicas y afectivas. A pesar de los hallazgos integrales, convergen en la necesidad de investigar más, ampliar escenarios y enfoques.

Palabras clave: COVID-19, Adolescente, Familia.

INTRODUÇÃO

Sabe-se do momento histórico que o mundo enfrenta na luta contra a doença de coronavírus 2019 (COVID-19), assim denominada em fevereiro de 2020, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Consiste em uma enfermidade aguda grave, causada pela síndrome respiratória do coronavírus 2 (SARS-CoV-2) (PAHO, 2020). É provável que o surto tenha começado através de uma transmissão zoonótica associada ao mercado de frutos do mar que também comercializavam animais selvagens vivos, logo percebeu-se que a transmissão também se dava de pessoa para pessoa (QUN LI, et al., 2020).

A transmissão se dá pelo contato próximo e desprotegido com secreções ou excreções de um paciente infectado, principalmente por meio de gotículas salivares (FISHER D e HEYMANN D, 2020). A infecção viral envolve infecção assintomática, do trato respiratório superior leve com sintomas mais brandos como, febre e tosse seca, sendo relatados também mialgia, cefaleia, dor de garganta e diarreia, podendo evoluir para pneumonia viral grave com insuficiência respiratória com necessidade de cuidados em unidades de terapia intensiva (CHAN JWM, et al., 2020; DEL RIO C e MALANI PN, 2020).

A pandemia da COVID-19 causou importantes impactos socioeconômicos no mundo e no Brasil, em diferentes contextos, especialmente em situações de perdas de rendimento familiar e desemprego, agravando as desigualdades sociais e de saúde. Nesse contexto, conhecer o impacto da pandemia sobre a saúde a partir de situações epidemiológicas é fundamental. Sabe-se que os riscos da COVID-19 são considerados fatores preditivos para a adoção de comportamentos de prevenção, como o isolamento social, o uso de máscaras, higienização das mãos e a vacinação. Evidências sugerem que as políticas públicas em torno de pandemias, especialmente sobre a da COVID-19, são fundamentais para adoção de medidas preventivas estratégicas eficazes (MELO MM, et al., 2022).

Visando conter sua disseminação, foi recomendado o distanciamento social, visto que quanto mais pessoas aglomeradas, principalmente em ambientes fechados, sem muita ventilação, maior seria a probabilidade de transmissão do vírus, além disso, também aumentava as suas chances de mutação. Outras medidas adotadas foram o uso de máscaras, higienização das mãos, a testagem dos casos suspeitos e a vacinação contra a COVID-19 (PAHO, 2020). Um Estudo realizado na China, local onde teve início a pandemia, afirma que a gravidade da doença está associada à idade mais avançada, porém, quando há presença de morbidades associadas, como distúrbios respiratórios crônicos, doenças cardiovasculares, diabetes mellitus e agravos oncológicos o risco aumenta em adultos jovens (WEI-JIE G, et al., 2020).

De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (MS), até 31 de dezembro de 2022 foram registrados no mundo 660.300.641 casos da COVID-19. O primeiro lugar é ocupado pelos Estados Unidos, com 100.749.731 casos, enquanto no Brasil foram confirmados 36.331.281, ficando este na quinta posição. Em relação aos óbitos, até 24 de dezembro de 2022, no mundo havia um total de 6.689.977 mortes, em primeiro lugar estão os Estados Unidos com 1.092.674 e, ocupando a segunda posição está o Brasil, com 693.853 óbitos. Quando analisado o total de jovens com Síndrome respiratória aguda grave (SRAG), conforme dados registrados até a semana epidemiológica (SE) 52, na faixa etária de 6 à 19 anos houveram 6.091 casos e 8.474 entre os jovens de 20 à 29 anos, os óbitos nessa mesma população foram 336 e 683 respectivamente (BRASIL, 2023).

Estados brasileiros têm mostrado percentual de casos entre pessoas com menos de 60 anos superior ao da Espanha e Itália, o que tem elevado o número de internações entre as camadas mais jovens da população; apesar da não divulgação do Ministério da Saúde dos casos por idade, os registros das secretarias locais evidenciam percentual maior de contaminados e hospitalizados abaixo de 60 anos, o que contraria a tese de que o principal grupo de risco é a população mais idosa (PIRES B, 2020). Diante desse cenário encontram-se os adolescentes, fase que compreende o período de 10 a 24 anos, apesar desse marco etário ainda estar em discussão entre estudiosos europeus e australianos. Sendo a adolescência considerada uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, é permeada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Embora essa população seja menos afetada com os sintomas da COVID-19, eles não estão imunes aos sintomas de maior gravidade, além disso, sofrem de forma direta as consequências das medidas de prevenção da transmissão do vírus (OLIVEIRA WA, et al., 2020).

Dentre as medidas de contenção da COVID-19 está o distanciamento social, que apesar de ter sido eficaz, uma vez que impediu que houvesse uma maior disseminação do vírus, também trouxe consequências para os adolescentes, os quais tiveram de interromper as atividades que faziam parte de seu cotidiano, como frequentar academias, shoppings e cinemas e as atividades escolares, tendo em vista que as aulas presenciais foram suspensas (SANTOS C, 2021). Conforme dados da Global Education Coalition da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2020) com o fechamento das instituições de ensino, aproximadamente 1,5 bilhão de estudantes e jovens ficaram fora das escolas e das universidades. Nesse contexto, a COVID-19 alterou a rotina de todas as famílias, tendo estas que se adaptaram a essa nova realidade, devido a suspensão das aulas os filhos ficaram em casa, o que exigiu mais esforços dos pais ou responsáveis, estes, na maioria das vezes, além de trabalhar em home office, ainda tinham os afazeres domésticos, o que os deixava sobrecarregados. Se por um lado isso possibilitou uma proximidade entre pais e filhos, por outro desencadeou situações de estresse (SCHMITZ AP, et al., 2022).

Desse modo, considerando que a saúde é essencial para uma boa qualidade de vida e que isso pode influenciar na vida adulta desse adolescente, é imprescindível analisar na literatura existente o impacto da COVID-19 nos adolescentes e seus familiares, para a partir disso, elaborar políticas públicas voltadas a essa população, bem como propor intervenções eficazes, com vistas a minimizar esse impacto.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual, para realização do estudo foram obedecidos os métodos empregados por Souza MT, et al. (2010) delimitando as seguintes etapas: elaboração da pergunta norteadora (questão de pesquisa), estabelecimento dos objetivos da revisão e critérios de inclusão e exclusão dos artigos; definição das informações a serem extraídas das pesquisas; seleção dos artigos na literatura; análise dos resultados; discussão dos achados e apresentação da revisão.

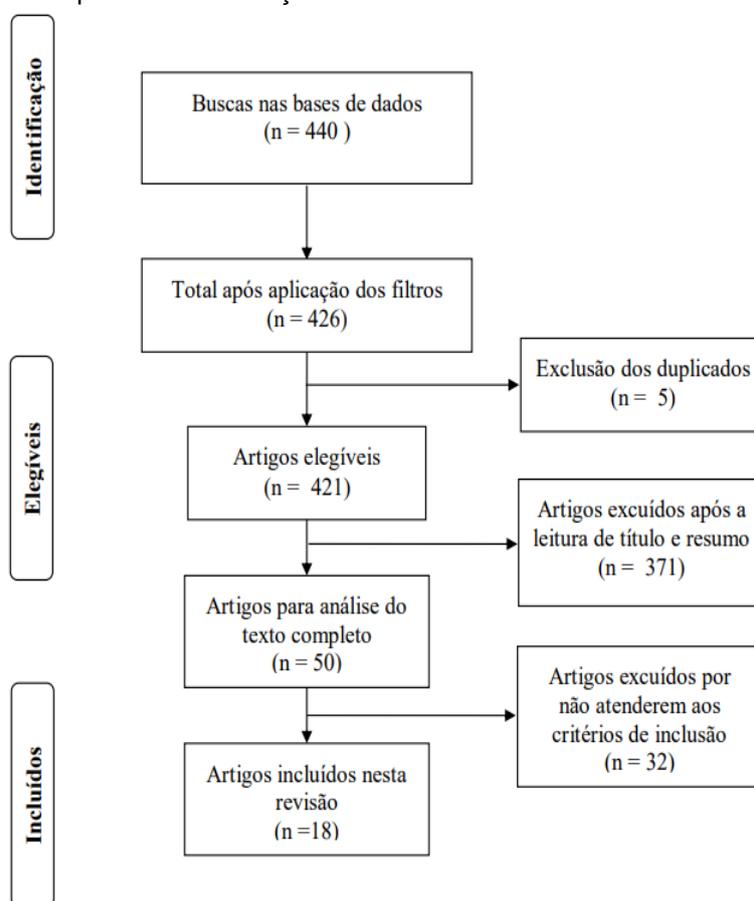
Diante da urgência imposta pela pandemia e levando em consideração as problemáticas de pesquisa: a) a COVID-19 é problema de saúde pública global; b) cada vez mais se torna necessária a ampliação da base de conhecimentos disponíveis para a assistência e o processo diagnóstico terapêutico e c) os resultados podem contribuir no enfrentamento à pandemia; desta forma, para elaborar a questão norteadora, utilizou-se a estratégia PICO (participantes, intervenções, comparações, resultados e desenho do estudo), recomendada pelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (GALVÃO TF, et al., 2015).

Assim, por não haver o tópico “comparação” definiu-se P (participantes): adolescentes e suas famílias, I (intervenções): Acometimento pela COVID-19, O (resultados e desenho do estudo): Conhecimento científico produzido. Estabelecendo-se a seguinte pergunta norteadora para a revisão: “Qual o conhecimento científico produzido sobre a COVID 19 em adolescentes e suas famílias?”. Na etapa subsequente, definiu-se os descritores: “COVID-19”; “adolescente”; “família”; e também o operador booleano “AND”; bem como os seguintes critérios de inclusão: publicações contendo temática do estudo; questões sobre abordagem dos aspectos clínicos e epidemiológicos da COVID-19 em adolescentes de 10 a 24 anos e suas famílias; publicações em inglês, espanhol e português, publicados a partir de 2020; com texto completo e resumos

disponíveis indexados nas bases: PubMed, arquivo digital produzido pela National Library of Medicine (USA) na área das Biociências; Medline (*Medical Literature Analysis and Retrieval System online*); e LILACS, que reúne as publicações científicas da área da saúde da América Latina e do Caribe. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não se aplica a submissão no Comitê de Ética e Pesquisa.

A **figura 1** demonstra as etapas desta seleção, a qual foi realizada de maneira independente por 6 pesquisadores, no período de abril a junho de 2022, seguindo o modelo PRISMA. A busca teve início pelo cruzamento dos descritores com o operador booleano “AND” nas bases de dados estabelecidas, resultando em 440 publicações, as quais foram sendo filtradas por meio da aplicação dos critérios de inclusão descritos anteriormente. Para gerenciar as referências foi utilizado o Ryyan (OUZZANI M, et al., 2016), uma ferramenta que facilita a análise de títulos e resumos, bem como a identificação dos artigos duplicados; posteriormente os textos na íntegra passaram pela análise mais aprofundada até a obtenção dos 18 estudos incluídos nesta revisão.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos estudos incluídos na revisão integrativa.



Fonte: Santana LMA, et al., 2023.

RESULTADOS

Após o estudo minucioso dos 18 artigos selecionados foi possível identificar similaridades e diferenças na abordagem da temática em questão, bem como a categorização da autoria dos estudos; local e ano das publicações; base de dados onde foram publicados; e os principais achados a serem discutidos. O **quadro 1** apresenta informações consideradas relevantes para a discussão dos achados. Observa-se uma amostra variada de fases da pandemia e dos locais onde essas pesquisas foram realizadas, países de diversos continentes e dos mais aos menos desenvolvidos, assim como as mais diversas abordagens à temática em questão. Tal fato proporciona uma ampla comparação entre as diferentes realidades mundiais dos adolescentes e suas famílias no decorrer da pandemia da COVID-19.

Quadro 1 - Caracterização dos artigos incluídos na amostra final segundo autor, ano, país, título, base de dados e achados relevantes.

Autor	Ano/País	Base	Achados relevantes
Hodson A, et al.	2021, Inglaterra.	PubMed	Dificuldade na percepção dos pais sobre a sintomatologia que indica o diagnóstico da COVID-19, geralmente associando mais a presença de febre. O isolamento é visto como difícil por muitos pais, pois identificaram que isso seria difícil ou 'impossível em casos de filhos dependentes'. Nossas descobertas também sugerem que famílias maiores e aquelas que vivem em casas menores podem achar particularmente difícil isolar.
Freitas BIBM, et al.	2021, Brasil.	LILACS	Em crianças e adolescentes os sintomas tendem a ser mais leves, como febre e tosse seca, no entanto, ainda há poucos dados oficiais disponíveis sobre o número de sintomáticos e assintomáticos nessa faixa etária. Sabe-se que, para o crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes, a qualidade do cuidado familiar é um fator elementar e depende, sobretudo, de adequadas condições psicossociais, sanitárias e econômicas. Na atualidade, contextos familiares precários podem promover riscos ao desenvolvimento infanto-juvenil. Este quadro torna-se ainda mais complexo quando eles são separados de seus familiares, por estarem infectados com o novo coronavírus ou estarem em suspeição, em quarentena em hospitais ou centros de observação médica; e crianças e adolescentes cujos familiares ou cuidadores estão infectados ou que morreram em decorrência da doença.
Chua GT, et al.	2021, Hong Kong.	Medline	Encontramos diferenças significativas nas apresentações clínicas nas 3 ondas de surtos. Houve mais indivíduos infectados sem sintomas na segunda e terceira ondas do que na primeira onda. Menos pacientes diagnosticados na segunda e terceira ondas apresentaram sintomas do que os pacientes na primeira onda. Neste estudo transversal, crianças e jovens com COVID-19 apresentaram grande diversidade clínica que variou de assintomático a complicações pós infecciosas.
Havers FP, et al.	2021, EUA.	PubMed	O aumento das taxas de hospitalização entre adolescentes pode estar relacionado, em parte, à circulação de variantes, o maior número de crianças retornando às atividades presenciais e mudanças nos protocolos sanitários de prevenção da COVID-19. Dos 70,6% dos adolescentes hospitalizados por COVID-19 tinham pelo menos uma condição médica subjacente. Quase 30% desses adolescentes não tiveram nenhuma condição médica subjacente relatada, indicando que adolescentes saudáveis podem apresentar a forma grave associada à COVID-19.
Lugon P, et al.	2021, Brasil.	Medline	Observou-se que crianças < 1 ano e adolescentes jovens tendem a ter as maiores taxas de infecção e doença sintomática. O primeiro pode ser devido ao contato próximo entre crianças e suas mães e o segundo pela menor adesão ao distanciamento social. As crianças não parecem ser a fonte de infecção por SARS-CoV-2 em nosso meio. Os achados demonstram que com maior frequência crianças adquirem a infecção de adultos e não o inverso.
Pérez MG, et al.	2021, Argentina.	LILACS	La proporción de niños con COVID-19 es mucho menor que en otras infecciones respiratorias y su verdadera interpretación todavía no está clara. Son necesarios estudios que continúen evaluando el comportamiento del SARSCoV-2 en la población pediátrica y su epidemiología.

Autor	Ano/País	Base	Achados relevantes
Pinchoff J, et al.	2021, África.	Medline	O impacto potencial da COVID-19 em adolescentes é difícil de medir porque é multifatorial. A adolescência é uma fase importante para o desenvolvimento físico, social e cognitivo; a pandemia pode afetar as trajetórias de vida com efeitos significativos a longo prazo no desenvolvimento e no bem-estar. A perda de renda dos adultos está associada à pior saúde mental dos pais, interação conjugal e qualidade de vida dos pais, o que, por sua vez, impacta a saúde mental entre os filhos adolescentes.
Santos KAM, et al.	2021, Brasil.	PubMed	Impacto da pandemia da COVID-19 nas relações familiares: a morte devido a doença; sobrecarga do trabalho doméstico, aumento de conflitos, brigas e discussões. A instabilidade da relação familiar afeta o ambiente e pode interromper o amadurecimento do indivíduo. Enquanto alguns adolescentes afirmaram que a pandemia ocasionou um distanciamento afetivo familiar, outros vivenciaram uma (re)aproximação. Devido a possibilidade de passar mais tempo com a família, o uso de tecnologias em conjunto e a alimentação como forma de (re)aproximar familiares durante a quarentena.
Terrier C, et al.	2021, EUA.	Medline	Os efeitos negativos das infecções por COVID-19 em adolescentes de famílias com baixo nível socioeconômico podem ter consequências negativas graves e de longo prazo, porque a pandemia parece reverter quaisquer tentativas de fechar a lacuna nas habilidades não cognitivas entre adolescentes diferentes níveis socioeconômicos.
Marques HHS, et al.	2021, Brasil.	PubMed	Adolescentes apresentaram envolvimento multissistêmico mais intenso da infecção por SARS-CoV-2 do que criança. As maiores frequências de dor de garganta e náuseas, além de anosmia, disgeusia, cefaleia e mialgia, em adolescentes com infecção podem estar relacionadas às altas taxas de notificação desses sinais e sintomas nos indivíduos dessa faixa etária, pois sabem explicar melhor o que sentem do que as crianças mais novas. Condições crônicas preexistentes, principalmente o uso de imunossupressores e a presença de doenças autoimunes, podem ter contribuído para o espectro clínico da COVID-19 em adolescentes. Choque e hipotensão arterial são complicações marcantes do curso da doença em adolescentes com infecção por COVID-19. Eles também necessitam de mais enoxaparina e agentes vasoativos, indicando manifestações críticas nesse grupo etário.
Elliott P, et al.	2021, Inglaterra.	Medline	Evidencia-se que a terceira onda na Inglaterra estava sendo impulsionada principalmente pela variante Delta em pessoas mais jovens e não vacinadas. Esse foco de infecção oferece um escopo considerável para ações a fim de reduzir a transmissão, com benefícios indiretos para toda a população. Em nossos dados, a maior prevalência de infecção durante junho a julho de 2021 foi entre 13 a 24 anos.
Wanga V, et al.	2021, EUA.	PubMed	Os adolescentes foram mais propensos a necessitar de internação na UTI e suporte de oxigênio em comparação com outras faixas etárias e exigiram a maior duração mediana de VMI. As taxas de hospitalização mostraram-se 10 vezes maiores entre adolescentes não vacinados em comparação com adolescentes totalmente vacinados.

Autor	Ano/País	Base	Achados relevantes
Mercolini F e Cesaro S.	2022, Itália.	PubMed	Em relação à mortalidade, crianças e jovens apresentam menor risco do que os adultos. No entanto, vários autores relataram séries de casos de pacientes pediátricos falecidos. McCormick et al. relataram 112 óbitos, com idade mediana de 17 anos (variação de 0 a 21 anos): 63% eram do sexo masculino e 86% dos pacientes apresentavam pelo menos uma das seguintes condições: obesidade (42%), asma (29%) e transtornos do desenvolvimento (22%). Da mesma forma, Bixler et al. relataram 121 óbitos em pacientes com menos de 21 anos: apenas 30 (25%) eram pacientes saudáveis, enquanto 91 (75%) pacientes tinham pelo menos uma comorbidade e 54 (45%) tinham duas ou mais comorbidades: asma (28%), obesidade (27%), condições neurológicas e de desenvolvimento (22%), doenças cardiovasculares (18%), câncer ou distúrbio do sistema imunológico (14%) e diabetes mellitus (9,1%).
Imran N, et al.	2022, Paquistão.	Medline	A quarentena e a exposição ao COVID-19 também foram os principais fatores que contribuíram para o impacto da COVID-19 em quase todas as dimensões de suas vidas incluindo: aumento de responsabilidades, conflitos com pais e familiares e privacidade limitada. Quase metade dos participantes (47,8 - 65,8%) relatou diminuição da qualidade de vida em casa.
Marshall AT, et al.	2022, EUA.	Medline	Nossos resultados demonstram que a preocupação relacionada à COVID-19 estava altamente correlacionada com o envolvimento do cuidador e dos jovens em comportamentos relacionados para a redução e prevenção de riscos.
Mclean HQ, et al.	2022, EUA.	Medline	As diferenças de comportamento específicas da idade provavelmente contribuíram para uma menor transmissão de adolescentes em relação a crianças mais jovens e menos autônomas. No entanto, mais investigações são necessárias para entender melhor como os comportamentos e interações diferem por idade, durante os períodos de doença e se essas diferenças estão associadas ao risco de transmissão em ambientes domésticos e escolares para informar as recomendações de saúde pública.
Blackwell CK, et al.	2022, EUA.	Medline	Apesar de os jovens terem taxas de infecção por coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda muito mais baixas em comparação com os adultos durante o período do estudo, as interrupções sociais resultantes da pandemia afetaram negativamente sua saúde mental. O número de dificuldades familiares relacionadas à pandemia da COVID-19 estava associado ao estresse agudo do cuidador e do jovem.
Zhuo R, et al.	2022, China	Medline	Além das ameaças físicas diretas, o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental não pode ser ignorado devido às várias pressões e incertezas da pandemia. Os resultados sugeriram que as famílias e as escolas devem compreender as emoções e estresses dos adolescentes e ajudá-los a aliviar a percepção negativa dessas pressões para reduzir os impactos da pandemia.

Fonte: Santana LMA, et al., 2023.

DISCUSSÃO

Inicialmente os adolescentes não receberam tanta atenção das pesquisas, pelo fato de grande parcela ser assintomática ou ter apenas sintomas leves da doença, o foco maior era naquele público que estava sendo mais afetado e com maiores taxas de mortalidade. As medidas restritivas diminuíram a circulação destes jovens, o que corroborou para uma menor exposição, conseqüentemente um menor número de casos ou uma certa subnotificação dos mesmos, uma vez que os pais só cogitavam a COVID-19 na presença de sintomas mais específicos. Grande parcela da transmissão do vírus se deu, inclusive, pelos familiares, os quais necessitavam continuar saindo para trabalhar, fazer compras, resolver pendências e acabavam não conseguindo se isolar completamente de seus filhos em casa (HODSON A, et al., 2021; LUGON P, et al., 2021).

Este enfoque pode ser encontrado em diversos estudos, os quais reafirmam o baixo percentual mundial de infectados abaixo dos 19 anos, sempre abaixo dos 10%, em um primeiro momento da pandemia no ano de 2020. Os autores atribuem isso ao fato dessa faixa etária ser assintomática ou apresentar apenas sintomas leves como febre, tosse, dispnéia, odinofagia, cefaleia, anosmia, ageusia e mialgia; não sendo necessário atendimento hospitalar, o que acaba levando há uma subnotificação desses casos, uma vez que os testes só são realizados naqueles com sintomas graves ou nos que têm contato com casos confirmados, dificultando um panorama epidemiológico mais real e abrangente (SANTOS AOR, et al., 2022; CAVALCANTE ANM, et al., 2021).

À medida que a pandemia foi avançando, novas variantes foram aparecendo, concomitantemente com inovações nas medidas de enfrentamento, como as vacinas para os grupos prioritários. Tal cenário contribuiu para um certo relaxamento das restrições, acarretando no aumento dos casos nesta população mais jovem, que foi despertando a atenção dos pesquisadores. Assim, foram crescendo os dados de casos mais sintomáticos, graves, hospitalizações e até mortes nessa faixa etária. Tais agravos, em sua maioria, estão associados a outras condições de saúde preexistentes, no entanto, adolescentes saudáveis também foram acometidos, mostrando que não estão isentos desses riscos (MERCOLINI F e CESARO S, 2022; HAVERS FP, et al., 2021; CHUA GT, et al., 2021; MARQUES HHS, et al., 2021; ELLIOTT P, et al., 2021).

Segundo dados do boletim epidemiológico de número 146 do MS, referente a 146ª SE de 2022, o Brasil confirmou um total de 36.331.281 casos até 31 de dezembro de 2022 e 693.853 óbitos até 24 de dezembro de 2022 pela COVID-19; no mundo, durante o mesmo período, o número de casos eram de 660.300.641 e os de morte 6.689.977, com o Brasil ocupando a segunda colocação no número de óbitos, estando atrás apenas dos Estados Unidos. Dentre os casos de SRAG hospitalizados até a SE 52 em 2022, os jovens com a COVID-19, de 6 a 19 anos eram 6.091 e os de 20 a 29 anos 8.474; já as mortes, nesses mesmos grupos etários, consistiram em 336 dos 6 aos 19 anos e em 683 dos 20 aos 29 anos (BRASIL, 2023). Desta maneira, apesar de não ser um valor tão significativo em relação à população em geral, é possível inferir que esses jovens também estão em risco não só de se contaminar, como também de vir a falecer em decorrência da COVID-19.

Medidas de prevenção e contenção da COVID-19 foram tomadas pelos governos e órgãos competentes, dentre elas o isolamento social, higienização das mãos, uso de máscaras, testagem ampla e vacinação. Uma tática imprescindível para a aceitabilidade e cumprimento de tais medidas é a criação de políticas públicas específicas, nas quais cada público-alvo seja contemplado, como a educação em saúde e a utilização dos diversos tipos de mídias para veiculação de informações padronizadas a respeito de tais medidas. Assim, além de garantir a diminuição da circulação e contaminação do vírus, há o combate também das inúmeras notícias falsas que tendem a confundir a população (MELO MM, et al., 2022). Sob outra perspectiva, a pandemia tem acometido esses adolescentes e suas famílias de uma forma multifatorial, em diversos aspectos da vida e da saúde, que não apenas a infecção direta pelo vírus. As famílias têm grande influência no comportamento desses jovens, além de funcionarem como suporte para os mesmos. Os estudos mostram que, as conseqüências socioeconômicas da pandemia tomaram os empregos de muitas pessoas, afetando as famílias, principalmente as que já eram menos favorecidas. Esses pais desempregados, têm menos condições de proporcionar alimentação, saúde e educação de qualidade para os seus filhos, tornando as

famílias mais vulneráveis, além do estresse e abalo mental que acaba se propagando também para os adolescentes (PINCHOFF J, et al., 2021; SANTOS KAM, et al., 2021).

Frente a isso, esses achados corroboram com outro estudo, em que avalia os impactos econômicos e emocionais da pandemia em famílias de crianças e adolescentes com Covid-19, no qual 78,4% das famílias avaliadas sofreram impacto econômico, principalmente as famílias com maior vulnerabilidade. Além disso, também ressalta que a família sofre com vários agentes estressores e, de certa forma, acaba sendo absorvido pelos adolescentes, tendo em vista que a família é sua referência primária e fonte de apoio, desse modo, essa desorganização em longo prazo pode comprometer seu desenvolvimento saudável (SOUZA DM, et al., 2022).

Em se tratando de saúde mental, é exponencial o número de estudos abordando o impacto da pandemia na saúde mental, principalmente dos adolescentes, uma vez que essa fase da vida, por si só, já é acompanhada de grande instabilidade emocional. A pandemia chegou para agravar tal cenário, o isolamento diminuiu a convivência com os amigos, afastou da escola, aproximou dos pais e propiciou um ambiente de solidão. Estar mais tempo em casa, aumentou o tempo de uso das telas, diminuiu a atividade física, prejudicou sono e alimentação, levando ao aumento de obesidade, transtornos alimentares e problemas de autoestima. O medo de se contaminar, do adoecimento e perda dos entes próximos, as incertezas em relação ao futuro, as dificuldades com o ensino remoto, todos esses estressores têm contribuído para um aumento dos danos psicológicos e de saúde mental, sem ainda uma estimativa dessas repercussões a longo prazo (TERRIER C, et al., 2021; IMRAN N, et al., 2022; MARSHALL AT, et al., 2022; ZHUO R, et al., 2022).

Desse modo, é válido pontuar que esses resultados vão ao encontro de outros estudos similares, em que identificaram que o distanciamento social reduziu as atividades de lazer e modificou a rotina escolar, com isso, os adolescentes emergiram no mundo digital. O que é bastante preocupante, posto que, diminui a interação social com amigos e familiares e, conseqüentemente, vai repercutir na saúde mental desses adolescentes, uma vez que, a qualidade emocional do indivíduo tem relação com a interação individual e coletiva. Além disso, esses adolescentes ficam suscetíveis a acessarem conteúdos inapropriados, a desenvolverem crises de ansiedade, de pânico e depressão (MILIAUSKAS CR e FAUS DP, 2020; DOS SANTOS C, 2021; SCHMITZ AP, et al., 2022).

Outras literaturas confirmam essa situação, ao relatarem que os jovens tendem a interagir mais com outros jovens do que com a família, e que, por tal motivo, o distanciamento social afetou a interação social desse grupo, tornando-os mais vulneráveis à ansiedade, depressão, o medo constante e a incerteza. Um estudo realizado com 8.079 adolescentes chineses, durante o surto da COVID-19, identificou que 43,7% possuíam sintomas depressivos, 37,4% tinham sintomas de ansiedade e 31,3% apresentavam sintomas de depressão e de ansiedade (ZHOU SJ, et al., 2020).

Posto isto, como forma de minimizar esse distanciamento, os adolescentes recorrem ao uso de internet e mídias sociais, no entanto, o uso desses meios tecnológicos podem acentuar os problemas mentais, como a ansiedade e a depressão, além do mais, causa distúrbio do sono e predispõe a obesidade. Como também, os deixam mais suscetíveis à violência auto infligida como o suicídio e a autoagressão e o cyberbullying (DOS SANTOS C, 2021). Nesse sentido, ainda há lacunas a serem preenchidas em todos os aspectos abordados pela amostragem desta revisão, os autores, inclusive, assumem que estão iniciando os estudos em suas determinadas linhas de pesquisa e que a escassez de dados é significativa, alguns temas mais, outros menos e incentivam que novos estudos sejam elaborados (PÉREZ MG, et al., 2021; MCLEAN HQ, et al., 2022).

Faz-se necessárias atualizações a respeito de como o vírus age no organismo do adolescente, quais os efeitos a longo prazo da contaminação, mesmo que assintomática; pesquisas sobre a vacinação desse público alvo e suas implicações no cenário epidemiológico mundial; como lidar com os danos e perdas psicológicos, familiares e financeiros; e quais condutas a serem tomadas na assistência a esses indivíduos. É de grande importância também a elaboração de estudos que tenham o adolescente como público alvo exclusivo, onde o foco seja especificamente nessa faixa etária, uma vez que quase a totalidade das pesquisas trata dos mesmos em associação com as crianças ou como um dado adicional da população em geral.

Ainda assim, os achados deste estudo são de grande valia para a comunidade acadêmica, uma vez que trazem novos conhecimentos sobre a temática e, para além disso, incentivam o desenvolvimento de novas pesquisas; há também grande contribuição para a enfermagem, a qual desempenha sua prática pautada na ciência e é o profissional diretamente responsável pelos cuidados de saúde à população, em que deve prestar uma assistência integral e humanizada, considerando os aspectos biopsicossociais do indivíduo, que, como ressaltam os achados, são impactados de maneira multifatorial pela COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 é responsável por enormes impactos na vida dos adolescentes e suas famílias, e esses impactos, inicialmente negligenciados durante a fase inicial da disseminação da doença, tomaram maiores proporções com o surgimento das novas variantes. Os achados deste estudo evidenciam que esse grupo e seus familiares tiveram, não só a saúde física, como as condições socioeconômicas, afetivas e principalmente a saúde mental afetada, estando eles entre os mais vulneráveis à ansiedade e estresse por conta das suas interações sociais drasticamente prejudicadas durante o período de isolamento e por se encontrarem nessa fase desafiadora de transição da infância para a idade adulta. Apesar da abrangência de informações dos achados, por conta da mudança de cenário da pandemia com o decorrer do tempo, faz-se necessário realizar novas pesquisas com o intuito de ampliar os cenários e enfoques para preencher as lacunas encontradas. Em suma, esta revisão, bem como as demais publicações, tende a contribuir para um maior conhecimento sobre a temática, para promover uma melhor assistência a esta população e fomentar uma reflexão crítica acerca da situação de constante evolução pandêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade de Pernambuco, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação pelo apoio e incentivo e, especialmente ao Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo financiamento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. BLACKWELL CK, et al. Youth Well-being During the COVID-19 Pandemic. *Pediatrics*, 2022; 149(4): e2021054754.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Doença pelo Novo Coronavírus - COVID-19. *Bol Epidemiol* [Internet]. 2023 janeiro; 146(especial). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2022/boletim-epidemiologico-no-146-boletim-coe-coronavirus/view>.
3. CAVALCANTE ANM, et al. Clinical-epidemiological profile of children and adolescents with COVID-19 in Ceará. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 2021; 21(Suppl 2): 437-443.
4. CHAN JWM, et al. Short term outcome and risk factors for adverse clinical outcomes in adults with severe acute respiratory syndrome (SARS). *Thorax*, 2003; 58(8): 686–689.
5. CHUA GT, et al. Clinical Characteristics and Transmission of COVID-19 in Children and Youths During 3 Waves of Outbreaks in Hong Kong. *JAMA Netw Open*, 2021; 4(5): e218824.
6. DEL RIO C e MALANI PN. 2019 Novel Coronavirus—Important Information for Clinicians. *JAMA*, 2020; 323(11): 1039-1040.
7. DOS SANTOS C. Covid-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais. *Holos*, 2021; 3(e11651): 1-14.
8. ELLIOTT P, et al. Exponential growth, high prevalence of SARS-CoV-2, and vaccine effectiveness associated with the Delta variant. *Science*, 2021; 374: eab19551.
9. FISHER D e HEYMANN D. Q&A: The novel coronavirus outbreak causing COVID-19. *BMC Med*, 2020; 18(57): 1-3.
10. FREITAS BHBM, et al. Emotional labor in pediatric nursing considering the repercussions of covid-19 in childhood and adolescence. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2021; 42(spe): e20200217.

11. GALVÃO TF, et al. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e serviços de saúde*, 2015; 24(2): 335-342.
12. HAVERS FP, et al. COVID-NET Surveillance Team. Hospitalization of Adolescents Aged 12-17 Years with Laboratory-Confirmed COVID-19 - COVID-NET, 14 States, March 1, 2020-April 24, 2021. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep*, 2021; 70(23): 851-857.
13. HODSON A, et al. Parental perceptions of COVID-19-like illness in their children. *Public He*, 2021; 194: 29-32.
14. HUANG C, et al. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *Lancet*, 2020; 395: 497-506.
15. IMRAN N, et al. Multidimensional impacts of coronavirus pandemic in adolescents in Pakistan: A cross sectional research. *PLoS One*, 2022; 17(1): e0262325.
16. LUGON P, et al. SARS-CoV-2 Infection Dynamics in Children and Household Contacts in a Slum in Rio de Janeiro. *Pediatrics*, 2021; 148(1): e2021050182.
17. MARQUES HHS, et al. Differences in children and adolescents with SARS-CoV-2 infection: a cohort study in a Brazilian tertiary referral hospital. *Clinics*, 2021; 76: e3488.
18. MARSHALL AT, et al. Resilience to COVID-19: Socioeconomic Disadvantage Associated With Positive Caregiver-Youth Communication and Youth Preventative Actions. *Front Public Health*, 2022; 10:734308.
19. MCLEAN HQ, et al. Transmissão domiciliar e características clínicas de infecções por SARS-CoV-2. *Pediatrics*, 2022; 149(3): e2021054178.
20. MELO MM, et al. Covid-19 em regiões de vulnerabilidade em Palmas, Tocantins: Relação entre fatores sociodemográficos, conhecimento e prevenção. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2022; 15 (12): e11221.
21. MERCOLINI F e CESARO S. COVID-19 in Children and Adolescents: Characteristics and Specificities in Immunocompetent and Oncohematological Patients. *Mediterr J Hematol Infect Dis*, 2022; 14(1): e2022009.
22. MILIAUSKAS CR e FAUS DP. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 2020; 30(4): e300402.
23. OLIVEIRA WA, et al. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020; 36(8): e00150020.
24. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Coalizão Global de Educação. Resposta da educação frente à COVID-19. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>. Acessado em: 27 de dezembro de 2022.
25. OUZZANI M, et al. Rayyan - a web and mobile app for systematic reviews. *Syst Rev*, 2016; 5(1): 210.
26. PAN-AMERICAN HEALTH ORGANIZATION (PAHO). Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acessado em: 13 de abril de 2022.
27. PÉREZ MG, et al. Epidemiologia de COVID-19. *Med. infant*, 2021; 28(2): 206-212.
28. PINCHOFF J, et al. How Has COVID-19-Related Income Loss and Household Stress Affected Adolescent Mental Health in Kenya? *J Adolesc Health*, 2021; 69(5): 713-720.
29. PIRES B. Jovens internados mostram 'rejuvenescimento' da covid-19 no Brasil. *El pais*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-16/jovens-internados-mostram-rejuvenescimento-da-covid-19-no-brasil.html>. Acessado em: 25 de março de 2021.
30. QUN Li, et al. Early transmission dynamics in Wuhan, China, of novel coronavirus-infected pneumonia. *N Engl J Med*, 2020; 382: 1199-1207.
31. SANTOS AOR, et al. SARS-CoV-2 infection in children and adolescents: a Brazilian experience. *Revista Paulista de Pediatria*, 2022; 40: e2021172.
32. SANTOS KAM, et al. Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022; 27(1): 193-203.
33. SCHMITZ AP, et al. Pandemia de covid-19: impacto na saúde mental das crianças e adolescentes. *Psico*, 2022; 1(1): 109-118.

34. SOUZA DM, et al. Impactos econômicos e emocionais da pandemia em famílias de crianças e adolescentes com COVID-19: reflexões para o cuidado integral. *Resid Pediatr*, 2022; 12(1): 1-6.
35. SOUZA MT, et al. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 2010; 8(1): 102-106.
36. TERRIER C, et al. COVID-19 within families amplifies the prosociality gap between adolescents of high and low socioeconomic status. *Proc Natl Acad Sci U S A*, 2021; 118(46): e2110891118.
37. WANGA V, et al. Characteristics and Clinical Outcomes of Children and Adolescents Aged <18 Years Hospitalized with COVID-19 - Six Hospitals, United States, July-August 2021. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep*, 2021; 70(5152): 1766-1772.
38. WEI-JIE G, et al. Clinical Characteristics of Coronavirus Disease 2019 in China. *N Engl J Med*, 2020; 382: 1708-1720.
39. ZHUO R, et al. Family Resilience and Adolescent Mental Health during COVID-19: A Moderated Mediation Model. *Int J Environ Res Public Health*, 2022; 19(8): 4801.
40. ZHOU SJ, et al. Prevalence and socio-demographic correlates of psychological health problems in Chinese adolescents during the outbreak of COVID-19. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 2020; 29(6): 749-758.